

Dona Fulô e Outras Joias Negras: O Conteúdo Midiativista Como Prática da Educomunicação e Divulgação Museológica¹

Gabriella Veloso CONCEIÇÃO²

Ricardo Oliveira de FREITAS³

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os conteúdos publicados na rede social Instagram por influenciadores negros e baianos acerca da exposição “Dona Fulô e outras joias negras”, cuja narrativa pode se relacionar diretamente com o fenômeno do midiativismo negro e o seu potencial educutivo. Para tal feito, foi utilizado como metodologia a Análise de Conteúdo, como proposta por Bardin (2016), a fim de interpretar de forma qualitativa as legendas das obras e as publicações acerca da exposição. Pretende-se, ainda, refletir sobre a contribuição das redes sociais para transformar a comunicação museológica.

Palavras-chave: Arte afro-brasileira; midiativismo; educução; comunicação museológica.

Introdução

Para contextualizar a escolha da temática abordada no trabalho, é fundamental retornar ao cenário do Brasil Colonial, sob regime escravocrata, nos séculos XVIII e XIX. Quando procuramos representações de mulheres negras alforriadas e escravizadas, feitas por pintores e fotógrafos no período, a maioria das retratadas tiveram suas identidades silenciadas por nomeações genéricas, herança do colonizador, que, além de

¹ Trabalho apresentado no Espaço Graduação, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Estudante de Graduação do Curso de Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, e-mail: gabriella.velosoc10@gmail.com.

³ Orientador do Trabalho. Professor Titular Pleno – UNEB. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGE/UNEB e do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UDESC, e-mail: rofreitas@uneb.br.

tê-las sequestrado, em termos físicos e culturais, as colocou na margem da hierárquica sociedade brasileira.

Concomitantemente, quando essas mulheres passaram a conquistar o próprio dinheiro, através do trabalho “de ganho”, objetos de um valor que ultrapassa a materialidade passaram a adornar seus corpos. Foram denominados joias de crioulas, que eram compostas por um design que mesclava elementos da ancestralidade africana com a estética apropriada das joias portuguesas, comunicando, pela visualidade, o poder econômico adquirido como comerciantes, e simbolizando suas resistências e empoderamento em um sistema carregado de proibições para limitar sua ascensão (Teixeira, 2017).

A pesquisa, de cunho qualitativo, visa analisar os conteúdos publicados no Instagram por influenciadores negros e baianos sobre a exposição “Dona Fulô e outras joias negras”. A mostra ocupou, temporariamente, o Museu de Arte Contemporânea da Bahia, revelando a história e herança dessas mulheres negras, invisibilizadas por séculos, e dos seus acervos de joalheria. Busca-se aproximar o uso da referida joalheria nos séculos XVIII e XIX das práticas midiartistas, como vistas nas últimas décadas, ao considerar que, apesar de toda adversidade, tais mulheres promoviam intervenções artísticas ao exporem seus corpos ornamentados em plena sociedade escravagista, antes mesmo da crítica cultural pensar sobre o que é ser artista.

Para tal feito, utilizamos como metodologia a Análise de Conteúdo, como proposta por Bardin (2016), com o objetivo principal de compreender como esse conteúdo impulsiona a representatividade positiva sob a ótica do midiativismo negro e educador, ao mesmo tempo em que divulga o espaço cultural, expandindo o acesso da comunidade através das redes sociais.

O midiativismo negro que transforma

A criação das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) e a sociedade conectada pela rede em escala mundial proporcionaram o surgimento das mídias sociais e estas ampliaram as possibilidades de interações e transformaram a comunicação não só dos indivíduos, mas também das organizações, nesse caso em específico, os museus. Como aponta Freitas (2023):

A serviço da arte, [as TIC's] possibilitaram não somente a criação de novos modos de produção, mas, sobretudo, de distribuição e fruição da obra e, devido ao seu poder de alcance e amplitude, de novos públicos, de novos fruidores da obra de arte, criando assim, outras formas de produção de discurso e de representações [...] (Freitas, 2023, p. 3-4).

Nesse cenário reside a importância do trabalho: promover reflexões sobre o uso da mídia para divulgar a arte ativista, e assim expor novas formas de representação ao contar a história de mulheres negras libertas revolucionárias, através de seus registros imagéticos, joias e obras contemporâneas que dialogam e atualizam as questões introduzidas por essas mulheres. A exposição “Dona Fulô e outras joias negras” impacta diretamente a mídia e a arte brasileira. É uma iniciativa potente de midiativismo negro que vence o apagamento histórico e se conecta com os públicos, dando voz à ancestralidade em um cenário marcado pelas mazelas do racismo.

Conforme Freitas, o midiativismo (neologismo formado pela interseção das palavras mídia, arte e ativismo) pode ser compreendido como uma prática elaborada por artistas e coletivos que fazem uso das mídias digitais e da arte para visibilizar suas causas sociais e políticas. Assim, o midiativismo é um tipo de educomunicação pedagógica, visto que essas práticas artivistas contribuem para a construção e valorização de saberes em espaços não-formais de educação, como os museus, ao “priorizar o dialogismo e processos de aprendizagem que se baseiem na experiência adquirida na sociedade” (Freitas, 2019, p. 236).

Metodologia

Considerando a finalidade da pesquisa, será aplicada como metodologia a Análise de Conteúdo (AC) proposta por Bardin (2016), objetivando analisar de forma qualitativa os conteúdos produzidos sobre a exposição no Instagram, especificamente as legendas das publicações (incluindo transcrições de áudios), a partir da aplicação sistemática das fases estruturadas pela autora: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Na primeira etapa, processo de organização da pesquisa, foram escolhidos os vídeos de divulgação da exposição produzidos por três influenciadores negros e baianos: Luciellen Assis (@luciellenassis), Caroline Pirajá (@carolpirajaf) e Lucas de Matos

(@_lucasdematos). A seleção ocorreu devido a utilização dos seus perfis em redes sociais para dar voz à uma exposição imersiva da narrativa de mulheres negras revolucionárias, amplificando seu alcance. Após a leitura flutuante das legendas, o *corpus*, as hipóteses e os indicadores foram formulados (Bardin, 2016).

Conforme Bardin, a segunda etapa é caracterizada pela exploração do material a partir da codificação e definição das categorias para descobrir “os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo escolhido” (Bardin, 2016, p. 135).

Serão utilizados recursos tecnológicos na codificação do *corpus* deste trabalho e os critérios do sistema de categorias estão relacionados aos índices desse projeto em identificar possíveis padrões de discurso na comunicação. Inicialmente, foram elencadas cinco categorias para análise: estrutura da narrativa, tom do discurso, linguagem, caráter educativo e estratégias de engajamento do público. Por conseguinte, a terceira fase corresponderá ao tratamento dos resultados obtidos na codificação das legendas e interpretação.

Considerações finais

A escravização da população negra no período colonial causou mazelas que perduram até a atualidade, como o apagamento e a subalternização dessas pessoas por causa da raça. Em vista disso, ressalta-se a importância dessa pesquisa em explorar o fenômeno do midiativismo negro, que reescreve a história afro-brasileira e rompe com a exclusão a partir de novas formas de produção e o seu potencial educomunicador.

A exposição “Dona Fulô e outras joias negras” assume um papel midiativista essencial, no momento em que a história de Dona Fulô e suas “florindas” ultrapassa o espaço físico do museu e, através dos recursos tecnológicos, especialmente as redes sociais, promove novas representações ancestrais. É uma arte que além de tornar públicas as narrativas ocultas e negligenciadas dessas mulheres, também é pedagógica e educacional, principalmente quando contada por pessoas pretas, que se tornaram sujeitas do próprio discurso ao ocuparem a esfera pública digital.

O poder e alcance das redes sociais tem se expandido com o passar das décadas e, nesse cenário, surge a importância de trazer para o centro da atenção a forma que

tem impactado a comunicação de espaços tradicionais como os museus, por exemplo: expansão do acesso a um lugar que até pouco tempo era considerado elitista e visibilidade para o acervo, acessibilizando informações e constituindo novos espaços de memórias (Chaves; Morigi, 2018).

Espera-se, através dos resultados obtidos por meio da Análise de Conteúdo, apresentar reflexões acerca dos modos com que influenciadores negros e baianos constroem um universo discursivo, quando dialogam com o conceito de midiativismo e de comunicação museológica, ao criarem conteúdos e compartilharem opiniões e experiências, a fim de divulgar a exposição, mobilizando milhares de seguidores.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHAVES, Rafael; MORIGI, Valdir. **Os impactos dos usos das mídias sociais em museus**. Encontro Regional Sul de História da Mídia. 2018. Santa Maria, RS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196241>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Educomunicação como recurso de midiativismo**. Revista Exitus, v. 9, n. 4, p. 232-261, 1 out. 2019.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Reescritas da história: midiativismo no combate ao racismo**. In: CONFAEB Maranhão: Territórios da Arte na Educação Contemporânea. UFMA, 2023. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/confaeb2023/671794-reescritas-da-historia--midiativismo-no-combate-ao-racismo/>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

TEIXEIRA, Amanda Gatinho. **Joalheria de Crioulas: Subversão e Poder no Brasil Colonial**. Antíteses, v. 10, n. 20, p. 829–856, 2017. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/29572>>. Acesso em: 18 mar. 2025.